

## ROTA DO ROMÂNICO NO CONCELHO DE LOUSADA

### Arquitetura pontística sobre o rio Sousa

É inegável que para o estudo das travessias, tal como do revestimento dos caminhos e estradas, seja suficiente apenas a materialidade das mesmas. O desconhecimento sobre as técnicas construtivas, bem como dos materiais que não se balizam no período cronológico romano, expõem numerosas dúvidas e controvérsias, mesmo no seio da academia. Dados históricos como a função utilitária das travessias para as comunidades ao longo dos tempos, enquadrados num âmbito mais amplo de humanização e de circulação, auxiliam na definição cronológica da arquitetura, sublinhando, desta forma, respostas de valor científico.



A arquitetura pontística marcou em amplo realce a paisagem medieval portuguesa. Segundo o ilustre historiador de arte Carlos Alberto Ferreira de Almeida, um dos enfoques da arquitetura civil em contexto românico será a construção de pontes, pelo interesse que a época lhes dedicou, pelo impacto que elas representaram, pela transformação da paisagem que sempre ocasionaram, por alguns meios técnicos e económicos que certamente exigiram e pelos benefícios que trouxeram às comunicações e aos homens.<sup>1</sup>

### PONTE DA VEIGA

No quadro internacional, a partir do século XVII começa-se a valorizar a arquitetura medieval, sendo que no primeiro quartel de Oitocentos surgem os primeiros estudos que demarcam as características construtivas, iconográficas e formais do período românico relativamente ao período gótico. Outrossim, a reprodução intemporal de modelos antigos, nomeadamente do românico, resulta na obliteração de pontes seiscentistas, setecentistas ou até mesmo posteriores atribuídas como romanas ou românicas.

Apresentando uma tipologia construtiva medieval, que se pode estabelecer entre os séculos XIII e XIV, a Ponte da Veiga, exemplar de merecedor destaque e consideração no concelho de Lousada, localizada na freguesia do Torno, estabelece a ligação entre as margens do rio Sousa e os lugares da Cachada e do Rio. De entendível datação, representante da arquitetura civil pública medieval<sup>2</sup>, apresenta tabuleiro em cavalete, com arco apontado. Em alvenaria, de granito irregular, atualmente a ponte encontra-se sem guardas, mas ainda com algumas lajes primitivas no pavimento. Nas Memórias Ressuscitadas de 1726, Francisco Craesbeek descreve esta ponte como tendo guardas e faz uma caracterização da sua envolvente, e subsequentemente da origem do seu topónimo, *Aqui perto, está a ponte da Veiga, com suas guardas ao redor, e ao pe della estão quatro Veigas, duas de cada banda;(…)*<sup>3</sup>. C. A. Ferreira de Almeida refere as construções de pontes durante os séculos XII e XIII como atos considerados obras de piedade. O essencial da mobilidade do homem nesta época estabelecia-se essencialmente no interior da paróquia e mais raramente para



**FIGURA 1**  
Presença de siglas nas aduelas da ponte da Veiga. Lado jusante.



**FIGURA 2** Ponte de Vilela. Perspetiva a partir do "campo da ponte". Lado montante.

além dessa circunscrição. A travessia de um rio na Idade Média poderia ser verdadeiramente penosa, mais do que um obstáculo físico, locais de passagem e encruzilhadas representavam medos e temores ancestrais junto das populações, levando a que desta forma estas estruturas fossem devidamente sacralizadas.

Através das «Notas para a gliptografia da Ponte da Veiga»<sup>4</sup>, sabemos que foi realizado o levantamento de várias siglas que ao que nos parece corresponderão a siglas de canteiro, devido à sua quantidade e repetição. Na totalidade, no tabuleiro, alçado jusante, alçado montante, e intradorso foram registadas 75 siglas e possivelmente alguns grafitos. Os talhadores de pedra marcavam com sinais convencionais as pedras destinadas a serem incorporadas, a fim de as reconhecer com uma maior incomplexidade.

Mais tarde, debruçando-se profusamente sobre o estudo das vias medievais, Ferreira de Almeida considera a obra como sendo dos séculos XV ou XVI, contudo, dada a análise das siglas e do tipo do tabuleiro em cavalete podê-las consideramos obra da primeira metade do século XV.<sup>5</sup>

### PONTE DE VILELA

Não esquecendo o difícil acesso que o investigador pode encontrar para o estudo da arquitetura pontística, como a falta de documentação específica sobre a sua construção (ou fases de construção), assim como o desconhecimento quase total sobre o responsável do risco da obra, aventamos a importância da análise atenta àquilo que são as dinâmicas em torno de uma travessia, lembrando a seguinte afirmação de C. A. Ferreira de Almeida, *Um caminho é um testemunho de civilização (...) é algo que possui uma grande permanência*<sup>6</sup>.

Na sequência do que tem sido redigido acerca da Ponte de Vilela, no que concerne à sua construção, é notável alguma disparidade cronológica que se tem vindo a tentar suprir. A complexidade na atribuição da sua datação dever-se-á ao facto do aparelho construtivo ter sido inspirado nas construções da época medieval, contudo, alguns indicadores como a própria microtoponímia, assim como elementos que fazem parte da própria organização da metodologia construtiva levam-nos a crer que se trata de uma ponte seiscentista, podendo vir a ser comprovada por investigação vigente.



**FIGURA 3** Perspetiva norte da Ponte de Vilela. Lado montante.

Não haverá dúvidas que aquele terá sido um local de passagem de significativa afluência de quem vinha do litoral e se deslocava para Amarante e Vila Real. Tendo em conta que o fluxo económico e as ligações entre litoral e interior se estabelecem sobretudo nos finais da Idade Média, não esqueçamos que é nesta época que os caminhos recebem a nomenclatura de via pública ligando povoações próximas<sup>7</sup>. A Ponte de Vilela poderá ter sido construída nesta linha de desenvolvimento mais tardio da época, uma vez que a ponte romana ali próxima, conhecida hoje como ponte de Barrimau ainda se encontraria de pé em 1593, pois vem mencionada na demarcação das propriedades do *Casal de Barrimão*<sup>8</sup>. A existência da Ponte de Barrimau parece-nos ser um bom indicador de que a Ponte de Vilela ainda não existiria, contudo, não invalida a coexistência de ambas. Num «Livro de Óbitos» da Igreja do Salvador de Aveleda, a 19 de janeiro de 1657, o padre relata um desastre por afogamento debaixo da Ponte de Vilela, comprovando a existência da dita ponte. Nas Memórias Paroquiais o padre de Aveleda, Francisco Álvares de Azevedo, descreve com clareza a existência de uma *ponte em cantaria, com perfeição*, parece já aqui indicar-nos um testemunho próximo se não quase direto sobre o processo construtivo, ou de amplo restauro, mais adiantando que terá sido mandada construir por sua *magestade*. Estaremos muito próximos de apoiar uma cronologia para esta ponte que se fixará entre os finais do século XVI e a primeira metade do século XVII.

### PONTE DE ESPINDO

A Ponte de Espindo, situa-se no lugar de Espindo, freguesia de Meinedo. Composta por um arco de volta perfeita de significativa dimensão que obrigou à colocação do tabuleiro em cavalete, caracteriza-se pelo aparelho irregular e por apresentar técnica e construtivamente diretrizes da arquitetura pontística medieval. A adoção prolongada das técnicas de construção medievais justifica-se pela qualidade das pontes da época, bem como da sua boa resistência à água e da sua durabilidade, repetindo-se estes moldes na época moderna e mesmo durante o século XIX.

As sondagens de avaliação arqueológica realizadas no início do nosso século por Paulo Lemos e Manuel Nunes revelaram elementos correspondentes ao assentamento da primitiva Ponte de Espindo, que denunciam que se tratava de uma estrutura em material perecível, neste caso a madeira. O pároco memorialista que redigiu as Memórias Paroquiais (1758), não refere a Ponte de Espindo, confirmando por omissão a inexistência da ponte em cantaria. Importante referir que as estruturas em madeira poderiam não ser indicadas pelo pároco, podendo apenas ser inumeradas mas não descritas: *Estas duas fição vizinhas da villa de Arrifana de Souza; e no destrito desta freguesia tem duas de pao e hua de padyeiras de pedra.*<sup>9</sup> Por sua vez, o pároco da freguesia de Bustelo é mais preciso e pormenorizado no seu registo: *Hua chamada de Novellas de cantaria, e outra chamada de Codeço, mas fraca, e hua de pao no lugar de Espindo, chamada de Espindo.*<sup>10</sup>



**FIGURA 4** Ponte de Espindo. Lado montante

**FIGURA 5** Silhar com trabalho artístico de cantaria encaixado no fecho da guarda da Ponte de Espindo

Comprovadamente, através da documentação coeva, podemos estabelecer o ano de 1758 para a construção da Ponte de Espindo. Esta cronologia reforça-se ainda mais com os dados obtidos na sequência da intervenção arqueológica atrás referida. A identificação de um fragmento cerâmico característico dos centros produtivos de Aveiro-Ovar permitiu situar a construção da ponte de madeira no século XVII atirando a construção de cantaria para o século XVIII.<sup>11</sup>

Mais ainda se pode adiantar que em 1836 a ponte já estava construída pois já surge identificada na obra do médico António de Almeida dedicada a práticas tradicionais relacionadas com o tratamento de doenças nas águas do rio Sousa.<sup>12</sup>

#### NOTAS/BIBLIOGRAFIA

<sup>1</sup>ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *O Românico, História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p.149.

<sup>2</sup>O monumento encontra-se ainda em vias de classificação.

<sup>3</sup>CRAESBEEK, Francisco Xavier da Serra, *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho* (1726). Edições Carvalho de Basto, Lda. Ponte de Lima, 1992. Vol.I e II.

<sup>4</sup>LEMONS, Paulo; NUNES, Manuel, Notas para a gliptografia da ponte medieval da Veiga. *Revista da Municipal de Lousada*. Lousada, 2014.

<sup>5</sup>RESENDE, Nuno – Ponte da Veiga: *Lousada*. in ROSAS, Lúcia, coord. cient. – *Rota do Românico*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2014. Vol. 2, p. 417-432.

<sup>6</sup>ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Vias Medievais, Entre Douro e Minho*, Dissertação para licenciatura, Faculdade de Letras do Porto. Porto, 1968. pp.3, 6.

<sup>7</sup>*Idem*. p.4.

<sup>8</sup>SOUSA, Luís, *Rede viária romana em Lousada, A ponte de Barrimau em Aveleda e vias confluentes*. *Revista Municipal de Lousada*. Lousada, 2013, p.2. cit in Andrade, Ambrósio de (1593) *Liuro de tombo dos bens, direitos, padroados, comedorias, iurdições, passais, quintas, casais, propriedades...que foi do mosteiro de Sam Salvador de Paço de Sousa...* Euora: por Manuel de Lyra, fls. 572. [Obtido no sítio em linha <http://purl.pt/14779>]

<sup>9</sup>CAPELA, José Viriato, *As Freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758, Memórias, História e Património*. Braga, 2002. p. 317.

<sup>10</sup>*Idem*. p.521.

<sup>11</sup>LEMONS, Paulo, NUNES, Manuel, "Ponte de Espinho (Meinedo, Lousada) - Sondagens de avaliação arqueológica." *Oppidum* n.º 6, ano 7. Lousada, 2013.

<sup>12</sup>ALMEIDA, A. *Memória médico-histórico-corográfica acerca do abuso de tomar bichas pelo Santiago no Rio Sousa [...]*. Penafiel: Museu Municipal, 2006.

CARDOSO, Cristiano, *Duas pontes sobre o Rio Sousa*, *Revista Municipal de Lousada*. Lousada, 2008.